

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

CENTRO DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA - NOTURNO

NEILA ALEXANDRA DE AZAMBUJA BRASIL

**ESTÁGIO COMO PROCESSO FORMATIVO NA
EDUCAÇÃO INFANTIL: RESSIGNIFICANDO OS ESPAÇOS**

Santa Maria

2019

NEILA ALEXANDRA DE AZAMBUJA BRASIL

**ESTÁGIO COMO PROCESSO FORMATIVO NA EDUCAÇÃO
INFANTIL: RESSIGNIFICANDO OS ESPAÇOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS),
como requisito para obtenção do grau de Licenciada
em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ªDr^ª Viviane Ache Cancian

Santa Maria

2019

NEILA ALEXANDRA DE AZAMBUJA BRASIL

**ESTÁGIO COMO PROCESSO FORMATIVO NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
RESSIGNIFICANDO OS ESPAÇOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS),
como requisito para obtenção do grau de Licenciada
em Pedagogia.

Aprovada em 02 de agosto de 2019:

Viviane Ache Cancian, Dr.^a (Presidente/Orientadora)

Kelly Werle, Dr.^a (UFSM) (Avaliadora)

Santa Maria, RS

2019

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho só foi possível porque tive sempre ao meu lado pessoas que nunca me deixaram desistir, agradeço a todos os amigos que de alguma forma direta ou indireta contribuíram para que eu conseguisse concluir mais esta etapa da minha trajetória acadêmica.

Agradeço a Deus pela oportunidade de ter chegado onde cheguei, apesar de todos os acontecimentos.

Agradeço a minha família pela compreensão ao faltar em algum compromisso de família por estar envolvida com as minhas obrigações acadêmicas.

Agradeço em especial a minha mãe que sempre esteve ao meu lado, ficando com minha filha todas as noites para que eu ir à faculdade.

Agradeço a minha filha Alice que generosamente sempre ficou ao meu lado na sala enquanto a mamãe estudava.

Agradeço a Professora Viviane Ache Cancian, por toda a atenção e paciência durante a construção deste trabalho.

Agradeço escola de educação infantil Sinos de Belém que me recebeu de portas abertas, me tratando como um membro da equipe, me senti muito bem entre vocês, e com as crianças da turma Pré A que foram muito carinhosos comigo sempre.

Agradeço a compreensão do meu marido, que sempre me levou a todos os lugares para que eu conseguisse fazer um bom trabalho.

RESUMO

Este trabalho de Conclusão de Curso da Pedagogia noturno é resultado de um processo formativo, reflexivo sobre a prática desenvolvida durante o estágio Curricular obrigatório realizado na Educação Infantil, no segundo semestre de 2018, em uma Escola Municipal da zona oeste do Município de Santa Maria, RS, em uma turma de Pré-Escola. Tem por objetivo interpretar a prática de estágio, através das narrativas de uma docência com crianças, uma docência intencional que organiza os espaços e tempos que buscam superar uma rotina engessada; compreender os desafios da docência a partir dos espaços propostos através das escutas das crianças, dos registros e análises diárias e do relatório de estágio. Discutir os espaços físicos da sala e da escola, problematizando e organizando propostas, espaços de garantia dos direitos das crianças, das suas infâncias, do convívio com as diferenças na educação Infantil. O caminho metodológico construído partiu das narrativas do cotidiano, do vivido no estágio, da complexidade da docência no estágio, para quem inicia numa realidade em que precisa contrapor o que aprendeu, as teorias, os conhecimentos construídos, a legislação com as práticas cristalizadas da escola. São narrativas contadas, experiências vividas, trajetórias que assumem caminhos inesperados, presentes na memória dos registros e análises teóricas realizadas diariamente, que serviam para pensar o planejamento para as crianças da turma pré A, para compreender os desafios da docência, os espaços propostos e organizados a partir das escutas das crianças. Para Larossa (1996), o tempo das nossas vidas é, então, o tempo narrado; é o tempo articulado em uma história; é a história de nós mesmos, como somos capazes de imaginá-lo, interpretá-lo, contá-lo e dizer (nós). (p.468). Tais reflexões partem das teorias de Larrosa (2006), DCNEI, 2009, Parecer 20 das DCNEI, 2009, Ceppi e Zini (2013), Freire (1986), Horn (2004 e 2017), Farias (2011). Concluo que me constituí uma docente comprometida, que ousou, pois não tenho como ser diferente frente ao que vivi, que se apresentaram nas minhas narrativas, vivências, os desafios da docência durante o estágio, com crianças em espaços dentro e fora da sala, as interações entre as crianças, entre as crianças os adultos e as materialidades, a vida que as crianças davam nos espaços, o protagonismo na ocupação, a construção e reconstrução desses espaços. As crianças clamam por uma outra docência, uma outra instituição de educação infantil, por espaços coletivos abertos a criação, a invenção, a leveza da infância, pensados para as crianças, pelas crianças, onde suas vozes são ouvidas, escutadas e contempladas.

Palavras Chave: Educação Infantil. Estágio. Docência. Espaços.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Planta da sala	13
Figura 2 - Primeiros espaços criados para as crianças a partir das primeiras escutas	16
Figura 3 - turma desenvolvendo as atividades propostas	17
Figura 4 - turma em outro espaço brincando de adivinha onde está a pedra.....	18
Figura 5 - Crianças desenhando.....	19
Figura 6 - turma fazendo desenho com tinta	20
Figura 7- Alunos na barraca.....	22
Figura 8 - turma na montagem do quebra-cabeça as crianças ajudavam umas às outras.....	24
Figura 9 - A turma se organizou e iam se ajudando na hora torcendo uns pelos outros.	24
Figura 10- Turma realizando atividades propostas.....	25
Figura 11 - A turma criando com os copinhos de iogurte	25
Figura 12 - Turma brincando com objetos variados.....	26
Figura 13 – Alunos fazendo os desenhos	28
Figura 14 - Contação de história.....	29
Figura 15 - Turma no pátio pintando.....	30
Figura 16 - Alunos fazendo os convites	30
Figura 17 - Alunos fazendo a massinha de modelar.....	31
Figura 18 - Turma Brincando com a massinha feita por eles	32
Figura 19 - Dia do chá	33
Figura 20 - Atividade com massinha de modelar	34
Figura 21 - Crianças virando cambalhota.....	34
Figura 22 - Crianças brincando de loja.....	35
Figura 23 - Alunos fazendo bolha de sabão	37

Figura 24 - Fazer o registro cada um da sua maneira da receita foi muito importante para eles, a Maria queria provar a cobertura do bolo e tava com o rosto todo lambuzado. 38

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1ESTÁGIO COMO PROCESSO FORMATIVO: A ORGANIZAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE ESPAÇOS.....	11
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA ESCOLA.....	11
1.2 A TURMA DE ESTÁGIO	11
1.3 INTERPRETANDO O VIVIDO, O PROCESSO FORMATIVO NO ESTÁGIO: DESAFIOS E SUPERAÇÕES	12
2- OS ESPAÇOS E A CONSTITUIÇÃO DA DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	38
2.1.A DOCÊNCIA E OS ESPAÇO: PROPOSTAS POSSIBILITADORAS	39
2.2 DESAFIOS DA DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	43
CONCLUSÃO.....	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	50

INTRODUÇÃO

Este trabalho de Conclusão de Curso da Pedagogia noturno é resultado de um processo formativo, reflexivo sobre a prática desenvolvida durante o estágio Curricular obrigatório realizado na Educação Infantil, no segundo semestre de 2018, em uma Escola Municipal da zona oeste do Município de Santa Maria, RS, em uma turma de Pré-Escola. A escolha dessa escola e de uma turma de pré-escola A, se justifica porque já a algum tempo tenho uma relação direta com a escola, pois durante a graduação fiz inserções na escola, fui muito bem recebida pela equipe diretiva.

Durante o processo formativo muitos foram os desafios ao assumir uma turma, não mais como observadora de uma prática, mas como estagiária do curso de pedagogia, conhecedora da realidade das crianças, por morar no bairro, por escutar, planejar, registrar e analisar diariamente o vivido na turma junto às crianças.

Para a realização desse trabalho de conclusão de curso, objetivei interpretar a prática de estágio, através das narrativas de uma docência com crianças, uma docência intencional que organiza os espaços e tempos, que busca superar uma rotina engessada; compreender os desafios da docência a partir dos espaços propostos através das escutas das crianças, dos registros e análises diárias e do relatório de estágio. Discutir os espaços físicos da sala e da escola, problematizando e organizando propostas, espaços de garantia dos direitos das crianças, das suas infâncias, do convívio com as diferenças na educação Infantil.

O caminho metodológico construído partiu das narrativas do cotidiano, do vivido no estágio, da complexidade da docência no estágio, para quem inicia numa realidade em que precisa contrapor o que aprendeu, as teorias, os conhecimentos construídos, a legislação com as práticas cristalizadas da escola. São narrativas contadas, experiências vividas, trajetórias que assumem caminhos inesperados, presentes na memória dos registros e análises teóricas realizadas diariamente, que serviam para pensar o planejamento, para as crianças da Turma Pré A, para compreender os desafios da docência, os espaços propostos e organizados a partir das escutas das crianças. Para Larossa (1996), o tempo das nossas vidas é, então, o tempo narrado; é o tempo articulado em uma história; é a história de nós mesmos, como somos capazes de imaginá-lo, interpretá-lo, contá-lo e dizer (nós). (p.468).

Tais reflexões partem das teorias de Larrosa (2006), DCNEI, 2009, Parecer 20 das DCNEI, 2009, Ceppi e Zini (2013), Freire(1986), Horn (2004 e 2017), Farias

(2011).Durante o processo formativo do estágio observando as vivências no dia-a-dia com as crianças foi surgindo cada vez mais a necessidade de me aprofundar nos estudos em relação às crianças, suas infâncias, e isso envolve pensar espaços que proporcionam novas descobertas, espaços que permitam a criança ousar, criar, pois é negado às crianças viverem as suas infâncias, serem crianças em espaços coletivos e institucionais, já que o trabalho pedagógico, as rotinas crianças são sempre as mesmas, brincadeira livre, lanche, folhinha, almoço, ir para casa.

O estágio supervisionado foi um tempo de aprendizagem muito importante, que nos proporcionou uma experiência enriquecedora, mesmo para mim que já trabalhava com a Educação Infantil, e estar no último semestre de um Curso de Pedagogia, que forma para a docência de 0 a 10 anos, uma docência para infância, pouco se tem em relação ao conhecimento na área da educação Infantil. Antes de Iniciar o estágio estudamos e fomos desafiadas a pensar os espaços na educação Infantil, pensar na criança com olhar sensível e escutando como as crianças pensam e vêm o espaço a sua volta para compreender o contextos de inserções que iríamos realizar.

O presente trabalho está organizado da seguinte maneira:

No primeiro capítulo contextualizo a escola, a estrutura a turma Pré A, e as características da turma. Interpreto a prática de estágio, através das narrativas de uma docência com crianças, uma docência intencional que organiza os espaços e tempos, que buscam superar uma rotina engessada, através das narrativas contadas, experiências vividas, trajetórias que assumem caminhos inesperados, presentes na memória dos registros e análises teóricas realizadas diariamente, que serviram para pensar o planejamento, para as crianças da Turma Pré A, os espaços propostos e organizados a partir das escutas das crianças.

No segundo capítulo, retorno as narrativas contadas no capítulo anterior, experiências vividas, trajetórias que assumiram caminhos inesperados, presentes na memória dos registros e análises teóricas realizadas diariamente, que serviram para pensar o planejamento, para as crianças da Turma Pré A. Apresento a discussão dos espaços espaços físicos da sala e da escola, propostas organizadas a partir das escutas das crianças, espaços de garantia dos direitos das crianças, das suas infâncias, do convívio com as diferenças na educação Infantil. Para Larossa (1996), o tempo das nossas vidas é, então, o tempo narrado; é o tempo articulado em uma história; é a história de nós mesmos, como

somos capazes de imaginá-lo, interpretá-lo, contá-lo e dizer (nós). (p.468), portanto, o tempo constituidor de uma docência na Educação Infantil.

E por fim as considerações finais do trabalho, os desafios da docência durante o estágio, com crianças em espaços dentro e fora da sala, as interações entre as crianças, entre as crianças os adultos e as materialidades, a vida que as crianças davam nos espaços, o protagonismo na ocupação, a construção e reconstrução desses espaços. As crianças clamam por uma outra docência, uma outra instituição de educação infantil, por espaços coletivos abertos a criação, a invenção, a leveza da infância, pensados para as crianças, pelas crianças, onde suas vozes são ouvidas, escutadas e contempladas.

1 ESTÁGIO COMO PROCESSO FORMATIVO: A ORGANIZAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE ESPAÇOS

No primeiro capítulo contextualizo a escola, a estrutura a turma Pré A, e as características da turma. Interpreto a prática de estágio, através das narrativas de uma docência com crianças, uma docência intencional que organiza os espaços e tempos, que buscam superar uma rotina engessada, através das narrativas contadas, experiências vividas, trajetórias que assumem caminhos inesperados, presentes na memória dos registros e análises teóricas realizadas diariamente, que serviram para pensar o planejamento, para as crianças da Turma Pré A, os espaços propostos e organizados a partir das escutas das crianças.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA ESCOLA

A escola escolhida para a realização do Estágio Supervisionado é a EMEI, chamada Sinos de Belém, localizada, Rua Manoel Mallman Filho, nº360, no Bairro Juscelino Kubitschek, em Santa Maria /RS. A escola atende as crianças de segunda a sexta-feira, sendo que o atendimento ocorre em horário, das 8h às 12h. A equipe que atua na escola é formada pela professora responsável, supervisora, professores, estagiárias e funcionárias, que elaboraram o PPP da escola, juntamente com a comunidade escolar.

Esta escola atente as crianças do bairro e dos arredores, sendo que a maioria das crianças que frequentam esta escola são carente, possuem moradia própria ou cedidas por familiares, enfrentam problemas familiares se agrupando conforme suas necessidades. A maioria dos familiares possui Ensino Fundamental Completo, os responsáveis pelas crianças exercem diferentes profissões, em sua maioria, doméstica e trabalho informal, e a renda familiar varia de um a dois salários mínimos. A escola acredita que desenvolve um trabalho voltado para a realidade das crianças a fim de compreender de que maneira acontece a aprendizagem dessas crianças.

1.2A TURMA DE ESTÁGIO

A turma na qual fiz meu estágio era uma turma com 19 crianças, de 4 a 5 anos, todos tranquilos e muito participativos, protagonistas em todas as aulas, demonstrando grande entusiasmo em todas as atividades, crianças muito amorosas. Na turma também havia algumas crianças que pouco frequentavam as aulas, sendo chamadas de flutuantes, conforme a professora me passou. Os dias foram passando pude perceber na fala da crianças o quanto elas queriam brincar durante as rodinhas, sempre me pediam se poderíamos fazer brincadeiras ou experiências novas na sala, o que contribuiu muito na hora de pensar e elaborar o planejamento.

A professora regente me recebeu muito bem sempre disposta a me ajudar em todos as propostas, tornando o momento do estágio muito agradável, de muito aprendizado para mim e como ela mesma me disse, de aprendizado para ela também.

1.3 INTERPRETANDO O VIVIDO, O PROCESSO FORMATIVO NO ESTÁGIO: DESAFIOS E SUPERAÇÕES

Durante o estágio surgiram muitas questões sobre como pensar o planejamento a partir dos registros e análise diárias, como organizar os espaços, escutando as crianças, suas culturas, buscando ter um olhar atento às necessidades de cada um, suas singularidades e diversidades.

Conhecer o espaço da sala onde eu fiz meu estágio fez toda a diferença na hora de pensar e planejar, pois pude organizar espaços internos e externos para as crianças, a sala, o pátio de escola. O espaço da sala de aula acredito que não deveria ser restrito as crianças e professoras, tendo em vista que muitos pais têm a vontade de participar desse espaço, conhecer e ser mais presentes.

Figura 1 - Planta da sala



Fonte: Desenho do diário da estagiária

Durante meu estágio sempre recebia as crianças na sala, com espaços já pensados para eles e com base em seus interesses, mas também ocupávamos os espaços externos, íamos ao pátio, ao ar livre, para a realização de propostas, pois era uma necessidade das crianças usar outros espaços da escola, para além da sala de aula que era pequena e não tinha espaço físico para a realização de algumas propostas. Quando falo de espaço não estou me referindo a apenas ao espaço físico, mas algo que vai para além.

Meu sentimento inicial foi de medo do novo, pois a proposta que eu estava levando para o estágio eu nunca havia trabalhado, mas tinha clareza que estaria rompendo com práticas que se perpetuam e que se aproximam da especificidade dos Anos Iniciais e não com a especificidade da Educação Infantil. Estava assumindo pressupostos teóricos presentes nas legislações, garantindo os direitos das crianças, práticas que conheci em um espaço infantil, que era muito bem aceito pelas crianças, um sucesso, mas que ao mesmo tempo causavam estranhamento nas professoras da escola.

Houve uma quebra de barreiras nesse sentido, pois as professoras da escola começaram a ver que as crianças estavam construindo conhecimentos de mundo, cada um com suas individualidades, sem ser forçados a nada, e o melhor de tudo sendo respeitadas no seu tempo, no espaço escolar, que foi pensado com o intuito de potencializar os saberes que cada um, garantindo um espaço de interações e brincadeiras e os direitos das crianças.

Por ser da comunidade e conhecer a realidade das crianças, que a grande maioria das crianças que frequentam a escola não tem muito acesso a vivências com suas famílias, que potencializem suas infâncias, busquei durante meu estágio escutar o que eles gostavam, saber, e descobriremos juntos formas de construir uma espaço que oportuniza-se todos esses momentos agradáveis.

Os planejamentos eram pensados de uma semana para a outra com base nos registros e análises, que partiam da escuta das crianças, suas vozes, desejos, descobertas, fazendo com que eles fossem os protagonistas do seu próprio conhecimento. Assim consegui despertar o maior interesse das crianças para os espaços, aos quais eles sempre pediam para refazer, mas o que ficou difícil de mudar, por mais que a professora me desse toda a autonomia na sala, foi a questão do tempo que os espaços deveriam ficar montados na sala. Com o tempo as professoras foram se dando conta de que os espaços eram feitos para a exploração das crianças e só seria desmontado ou ampliados com outros elementos quando as crianças cansassem, quando não tivessem mais interesse, ou quando quisessem modificá-lo.

Meu papel nesses momentos, em que eles exploravam os espaços era de mediadora das hipóteses, que eles criavam, algumas vezes fazia parte das brincadeiras que eles estavam criando como personagem do espaço.

Escutar é obviamente algo que vai mais além da possibilidade auditiva de cada um. Escutar, no sentido aqui discutido, significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro. (Paulo Freire, 1991, pag 135).

A ansiedade tomou conta de mim nos primeiros dias é fui pensativa em não fazer nada errado e preocupada com o que as crianças iriam pensar já que a proposta que eu resolvi tentar e algo completamente nova para mim, para minha surpresa conforme as crianças ia chegando e participando do que estava proposto fui desconstruindo tudo que eu havia pensado ser possível na nossa manhã.

As crianças se mostraram participativas e dispostas a tentar, criar, pois a proposta de trabalho com a organização de diferentes espaços em sala consistia em deixar as crianças experienciarem, construíssem autonomia, como nos traz as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (2009), que a criança é o centro do nosso planejamento, portanto, todos em todos os momentos as propostas de espaço foram pensadas para melhor desenvolver nas crianças a construção da sua identidade.

Art. 4º As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2009).

Ao ver as crianças criando brincadeiras e regras através dos materiais e como conseguiram se organizar para que todas pudessem brincar e recriar, lembrei-me de quando era pequena e criava brincadeiras, com os mais diversos materiais, que encontrava em casa. Pude perceber que muito mais do que letras e números estava ensinando para cada uma das crianças a se organizar no espaço, bem como imaginar e explorar as mais diversas possibilidades, construir normas e regras, respeitar o outro. São especiais as palavras de Benjamin (1984, p. 77) ao dizer que:

Elas (as crianças) sentem-se irresistivelmente atraídas pelos destroços que surgem da construção, do trabalho no jardim ou em casa, da atividade do alfaiate ou do marceneiro. Nesses restos que sobram elas reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas, e só para elas. Nesses restos elas estão menos empenhadas em imitar as obras dos adultos do que em estabelecer entre os mais diferentes materiais, através daquilo que criam em suas brincadeiras, uma nova e incoerente relação.

Por isso posso dizer que as propostas aparentemente sem importância podem ter um significado especial para as crianças e sua vivências. Lembro-me das crianças sentadas na mesa com as caixas de papelão que eu não tinha dado muita importância e logo me perguntaram se poderiam colocar os dinossauros na mesa, eu lhes perguntei para que queriam os dinossauros e resposta foi: “Vamos fazer uma caverna para os dinossauros, porque no tempo dos dinossauros havia cavernas: né prof?”

As crianças exploravam os espaços criando e tive uma surpresa, pois como aparece nas fotos as crianças adoraram e criaram brincadeiras, que eu nem tinha pensado e foi muito gratificante, mudou o meu olhar sobre os espaços na educação infantil.

Figura 2 - Primeiros espaços criados para as crianças a partir das primeiras escutas



Fonte: arquivo da estagiária

As crianças não estavam acostumadas a modificar ou usar os espaços da maneira como quisessem então durante, várias vezes na manhã me perguntavam se podiam fazer isso ou aquilo, durante as observações notei que tudo era direcionado pela professora então esse primeiro dia foi muito marcante. Deixei que eles colocassem elementos e brinquedos da sala para assim criarem os ambientes que melhor lhes parecia e saiu de tudo, de casa de dinossauro, a castelo de princesa, enquanto eles brincavam e recriavam ambientes pude me perguntar quantas vezes durante minha própria infância pude viver esses momentos em minha casa e pensei sobre o tempo de cada criança, e questionar se estamos deixando as crianças serem crianças, enquanto querem ou como professoras estamos obrigando a aprender algo que ainda não e o tempo nem o espaço de ser aprendido.

As conversas com as crianças a cada fim da manhã me dava certeza de que eu estava fazendo um bom trabalho voltados para eles e que partia deles e suas especificidades, notei que para eles era uma construção muito importante no brincar pois como já sabemos e durante as brincadeiras que as crianças expressam seus anseios, teve outros que me perguntaram quando eu poderia levar os copinhos de iogurte e as tampinhas de novo então combinei que no outro dia eu levaria se eles haviam gostado como nos traz a BNCC (2017), durante a interação . Pude observar que a interação durante as brincadeiras e

muito importante para as crianças o que muitas vezes as professoras da educação infantil não compreendem que não é só brincadeira, a criança está se constituindo, que já manifesta suas próprias vontades e desejos, pois já vem de um meio social completamente diferente e deve ser preservado e respeitado dentro do seu tempo no espaço escolar. .

A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e brincadeiras entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções.(BRASIL,2017,p.33).

Figura 3 - turma desenvolvendo as atividades propostas



Fonte: arquivo da estagiária

Figura 4 - turma em outro espaço brincando de adivinha onde está a pedra



Fonte: arquivo da estagiária

Aqui na figura de 4, o Lucas estava separando as tampinhas por cor e a Eduarda me perguntou se podia pegar as bonecas e pôr na mesa das tampinhas, enquanto na outra mesa, o Samuel e a Maria queriam brincar de adivinhar em qual dos copinhos de iogurte estavam as pedrinhas. Foi muito bom poder observar como cada um se organizou esperando sua vez de esconder as pedrinhas ou simplesmente descobrir onde estavam. Quem achava, tinha que contar quantas pedrinhas tinham.

Nessas imagem as crianças já estavam mais acostumados com a nova organização dos espaços, das propostas, chegavam e já iam se colocando em alguma mesa, que melhor lhe atendiam. Naquele momento pude notar que eles ainda têm por costume fazer alguma atividade mais direcionada, após o lanche, depois da higiene alguns me perguntavam que horas íamos fazer a atividade então respondi que já estávamos fazendo.

Constatar que na Educação infantil, um espaço onde as crianças deveriam viver a infância e ser crianças, brincar e construir significados para coisas simples da vida, como por exemplo se a organizar dentro do espaço escolar uma atividade simples. Ao que parece as atividades que envolvem brincadeiras não são chamadas de atividades, acredito que essa concepção deva ser mudada aos poucos, através do diálogo com as famílias, sobre o papel da educação infantil, pois muitas famílias não sabem.

Então conversei com as crianças que nós não temos que guardar agora podemos continuar brincando? Na quarta semana de estagio, levei tinta e foi muito legal inclusive perguntei se eles gostariam de fazer uma exposição das pinturas no corredor da escola, para que os pais ao chegarem pudessem ver suas pinturas, e assim o fizemos, colocamos na parede e ficou muito lindo. No final da manhã antes do almoço eu li uma história para eles enquanto esperavam os pais, pois como nos traz a BNCC (2017), ao ler para as crianças estou ampliando seu gosto pela leitura e pela escrita também.

A Educação Infantil é a etapa em que as crianças estão se apropriando da língua oral e, por meio de variadas situações nas quais podem falar e ouvir, vão ampliando e enriquecendo seus recursos de expressão e de compreensão, seu vocabulário, o que possibilita a internalização de estruturas linguísticas mais complexas.

O ato da leitura na educação infantil amplia muito o vocabulário das crianças e estimula o hábito da leitura desde pequenos, bem como sua imaginação, para com os personagens da história criando os mesmos da maneira que quisessem, pois só precisam imaginar e recriar as suas próprias histórias através da escuta da mesma.

Figura 5 - Crianças desenhando



Fonte: arquivo da estagiária

As crianças amam tinta a proposta desse dia era com tinta, eles me perguntavam se podiam fazer mesmo o que quisesse com tinta e felizes criaram desenhos lindos, fizeram descobertas de cores. Maria nesse dia não saiu desse espaço, descobrindo as cores e mostrando para as colegas, demonstrando suas capacidades criativas e reafirmando a potencialidade de cada um.

Figura 6 - turma fazendo desenho com tinta



Fonte: arquivo da estagiária

Na quarta semana de estagio correu tudo bem , como esperado eles puderam brincar e pude notar que alguns já possuem conhecimentos próprios de organização, o que acaba ajudando uns aos outros. Com nos dias anteriores durante a rodinha eles falaram o que mais gostaram de fazer e resolvi fazer algumas atividade de recreação no pátio da escola, foi muito legal, eles demonstraram grande interesse, executando com muito entusiasmo, sabendo ouvir atentamente cada regra das brincadeiras e foram poucas as vezes, que tive que parar a brincadeira para intervir. De acordo com a BNCC (2017), sobre as noções do corpo, o quanto é importante para as crianças terem a noção do seu próprio corpo: “Movimentar-se de forma adequada, ao interagir com colegas e adultos em brincadeiras e atividades.”

Outra proposta que teve uma grande concentração de crianças nas mesas foi com fantoche, elas reproduziram histórias, que já haviam escutado na escola. Reafirmando a capacidade das crianças de imaginar e recriar momentos que lhes são significativos. De acordo com Vigotski (1984, p.97),

Por meio das atividades lúdicas, a criança reproduz muitas situações vividas em seu cotidiano, as quais, pela imaginação e pelo faz – de- conta, são reelaboradas. Esta representação do cotidiano se dá por meio da combinação entre experiências passadas e novas possibilidades de interpretação e reprodução do real, de acordo com suas afeições, necessidades, desejos e paixões. Estas situações são fundamentais para a atividade criadora do homem.

As criança tem muita imaginação para criar e recriar histórias seja ela do seu cotidiano ou simplesmente contar as parte que mais lhes chamam a atenção. Pensando nas crianças, no que observei e escutei, planejei os espaços, um deles era com a barraca. Eles adoraram brincaram muito felizes e surpresos com a barraca, aproveitaram tanto, que eu tive que fazer um rodízio na barraca para que todos pudessem brincar até a hora de participarmos dos brinquedos infláveis que já estava programado para esse dia. Ao retornarmos para a sala as crianças quiseram continuar com as brincadeiras.

Pensando nesse dia pude perceber o quanto as crianças são capazes de se envolver em atividade simples, pois quando pensei na barraca na sala, pude me lembrar de quando eu era pequena e adorava brincar de barraca em casa. Tento incessantemente todos os dias fazer meu melhor em relação às propostas, os espaços, e sinto em mim uma necessidade enorme de proporcionar momentos, que marquem as crianças de forma positiva. Senti que estava conseguindo alcançar meu objetivo de me aproximar mais da realidade deles, através das brincadeiras.

Figura 7– Alunos na barraca



Fonte: arquivo da estagiaria

Observei durante as brincadeiras das meninas a forma como elas brincam de bonecas, brincam assumindo papéis de adultos como professores, pais, mães, etc. Suas falas revelam detalhes dos papéis dos adultos, suas interpretações mostram seu modo de ver o mundo, ao mesmo tempo, suas expectativas em relação a como gostariam que o mundo fosse. Na brincadeira a criança produz cultura infantil, que é um produto coletivo próprio do seu grupo. De acordo com Coutinho:

As manifestações infantis são provenientes de uma cultura própria das crianças. Suas expressões, nas variadas linguagens, decorrem da relação com a cultura que as cerca, ou seja, com os bens culturais que a sociedade disponibiliza para elas. A representação de cenas do cotidiano pelas crianças expressando conhecimentos produzidos socialmente são reelaborados pelas mesmas em suas vivências, elas recriam situações já presenciadas e criam, assim, uma cultura infantil, pois, como afirmam Sarmiento e Pinto: “As culturas infantis não nascem no universo simbólico exclusivo da infância, este universo não é fechado - pelo contrário, é, mais do que qualquer outro, extremamente permeável - nem lhes é alheia a flexibilidade social global. (COUTINHO, 2002: 99).

As crianças a todo momento trazem consigo suas experiências e vivências dentro da cultura estabelecida em suas casas, ou círculo social, durante as brincadeiras fica mais evidente essas características, que devem ser preservadas e respeitadas por nós enquanto educadoras.

Outra atividade que lhes desperta grande interesse são os jogos de quebra-cabeça porém não e todas as crianças que conseguem se concentrar por grande tempo ou mesmo ter paciência de montar os quebra-cabeças, da maneira correta, recorrendo sempre para a ajuda da professora que sempre tenta demonstrar para as crianças, que precisamos de concentração e paciência para atingirmos o objetivos.

Nesse dia estava bastante nervosa, porém confiante que tudo ia dar certo, pois pensei muito sobre o que fazer para tornar a proposta dos espaços em uma grande brincadeira, para assim podermos aproveitar e aprendermos juntos.

Para receber as crianças lhes dei jogos de encaixe, saiu cada coisa mais linda, a criatividade de cada um. Na quinta semana de estagio recebemos a professora nova, que irá suplementar, no lugar da professora Odete, eu estava bem apreensiva com o que poderia acontecer, mas graças a Deus deu tudo certo. Foi uma manhã muito divertida sabendo do gosto das crianças por jogos fiz para eles um boliche para trabalharmos os direitos das crianças e não imaginei ao fazer o jogo que eles gostariam tanto, mas pude mais uma vez perceber que as crianças não precisam de muito para se divertir e aprender coisas muito simples do nosso dia-dia e que fazem toda a diferença no aprendizado.

Quando percebi que eles já estavam cansados de brincar com o boliche e todos já haviam entendido o propósito do jogo convidei eles para brincarmos livre no pátio com alguns brinquedos da sala, onde podíamos criar brincadeiras de faz de conta e pistas de corrida, para os nossos carrinhos e foi muito divertido.

Quanto à socialização, a criança ajusta-se à realidade e deixa de dominar, sobressaindo com as ações da inteligência prática. No pensamento de Vigotski:

[...], o raciocínio pratico apresenta alguns pontos semelhantes com o pensamento adulto, deferindo em outros, além de enfatizarem o papel dominante da experiência social no desenvolvimento humano. [...], a experiência social exerce seu papel através do processo de imitação: quando a criança imita a forma pela qual o adulto usa instrumentos e 10 manipula objetos, ela está dominando o verdadeiro princípio envolvido numa atividade particular. (VIGOTSKI, 1998, p. 29).

As crianças durante as brincadeiras mostraram que conseguem resolver conflitos, bem como organizar-se de forma que a brincadeira se torne prazerosa, utilizando-se

algumas vezes de um vocabulário, que nos professores usamos com eles no dia a dia da escola.

Figura 8 - turma na montagem do quebra-cabeça as crianças ajudavam umas às outras



Fonte: arquivo da estagiaria

Figura 9- A turma se organizou e iam se ajudando na hora torcendo uns pelos outros.



Fonte: arquivo pessoal

Com os materiais não estruturados as crianças puderam da sua forma brincar e criar suas próprias regras e na hora de brincar utilizaram do seu imaginário, para tornarem mais

significativa a brincadeira. Pude notar que as crianças já sabem se organizar dentro dos espaços criados para recebê-los, notei que logo que chegam já vão se dirigindo para o que mais lhes agrada dentro das possibilidades das brincadeiras, que cada um pode dar dentro das brincadeiras criadas por eles. O uso destes materiais propicia a construção de espaços, tempos e brincadeiras na rotina das crianças, levando-se em consideração o que pensam, sentem, desejam e interagem.

Através desses materiais elas agem e pensam, modificam seu uso, os transformam os ressignificando, dessa maneira o mundo que as rodeia. Usam o jogo simbólico para se colocar no lugar do outro, viver papéis diferentes e assim conhecer e respeitar a diversidade e outros pontos de vista, bem como esperar a vez para assim saber resolver conflitos uns com os outros foram poucos.

Figura 10– Turma realizando atividades propostas



Fonte: arquivo da estagiaria

Figura 11 -A turma criando com os copinhos de iogurte



Fonte: arquivo da estagiária

Eu estava bem apreensiva com relação a proposta sobre o direito das crianças, por achar que elas poderiam não entender. O dia se iniciou com a recepção das crianças com os espaços em uma mesa tinha bonecas, em outra peças de encaixe, carrinhos. Conforme as crianças iam chegando se dirigiam para as brincadeiras que lhes interessava, que fosse do seu gosto Vygotsky citado por Rego (2002, p.80)

Considera o brinquedo uma importante fonte de promoção de desenvolvimento. Afirma que, apesar do brinquedo não ser o aspecto predominante da infância, ele exerce uma enorme influência no desenvolvimento infantil”. Portanto não devemos conceber a infância longe do brinquedo visto a importância do mesmo aqui referenciada. E principalmente de proporcionar o brinquedo em ambientes preparados para que a criança brinque com liberdade de ação e em total interação com outras crianças.

E através do brinquedo que a criança cria e recria seu universo infantil, se apropriando assim das informações, que lhe cercam e por esse motivo cabe a nós educadores propiciar ambientes, nos quais as crianças consigam de forma lúdica se desenvolver integralmente.

Figura 12 - Turma brincando com objetos variados



Fontes: arquivo da estagiária

Lhes convidei, para fazermos um desenho livremente porém lhes fiz umas perguntas sobre o que eles achavam ser seu direitos de crianças e eles foram me respondendo, e qual foi minha surpresa quando me perguntaram se poderiam desenhar no papel pardo seus direitos, suas famílias, seus nomes, enfim, tudo que cerca seu universo infantil, coisas como a escola, o posto de saúde, os lugares onde eles vão com seus familiares para passear nos fins de semana. As respostas surgiram pelo contexto sociocultural em que cada criança se encontra, sendo produtos da interação destes com os outros. Para Bakhtin.

[...] todo signo [...] resulta de um consenso entre indivíduos socialmente organizados no decorrer de um processo de interação [...] realizando-se no processo de relação social, todo signo é ideológico, e, portanto, também o signo lingüístico, vê-se marcado pelo horizonte social de uma e um grupo social determinados. (1988, p.44).

Pude perceber que cada criança sabia de alguma forma o que seria seus direitos, pois no convívio no seu meio social faziam parte de alguma forma e seus direitos eram atendidos pela comunidade ou familiares.

Figura 13 – Alunos fazendo os desenhos



Fonte: arquivo da estagiária

As crianças já se encontravam acostumadas a chegar e encontrar os espaços prontos, para que eles pudessem interagir e criar suas brincadeiras uns com os outros, sem um tempo determinado para acabar. Fomos no pátio da escola fazer umas brincadeiras recreativas, uma delas foi seu lobo as crianças demonstraram grande interesse pela brincadeira que levou grande tempo.

As crianças utilizam processos de pensamento de ordem superior onde as crianças tiveram de apropriar primeiramente das regras do jogos podendo assim assumir um papel central no desenvolvimento tanto da linguagem utilizada para assim atingir suas habilidades. Vygotsky (1998) definiu a zona de desenvolvimento proximal (ZPD) como:

(...) a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com os companheiros mais capazes (p. 97).

Esse foi o momento no qual um precisou do outro de da sua atenção para conseguirem brincar de forma cooperativa tornando o jogo prazeroso para todas as crianças. Ao final no pátio fomos na pracinha, onde as crianças brincaram até a hora do a lanche tivemos uma manhã muito agradável cheia de atividades que ajudaram e muito a compreender em que nível de desenvolvimento as crianças estão, bem como ter um olhar

sensível sobre o ato de brincar de cada crianças, pois o lúdico é muito importante para as crianças se conhecerem como indivíduos, cada crianças ao seu tempo.

Já estávamos na quinta semana de estágio e para iniciar a manhã os espaços estavam organizados para a chegada das crianças, com carrinhos, ursos, bonecas e peças de encaixe. Coloco as peças de encaixe, pois as crianças sempre pedem logo que chegam se podem ficou acordado entre nós durante as rodas de conversa os espaços com peças de encaixe acredito que não esteja errado pois procuro sempre planejar pensando no melhor interesse para o desenvolvimento da crianças. Ao longo das semanas que passaram pude notar que as crianças apesar de serem maior ainda tem dificuldade de se relacionar, bem como de dividir brinquedos uns com os outros.

Então fiz uma contação de história sobre a caixa de Jéssica uma menina que queria muito fazer amigos na escola, então todos os dias ela inventava uma maneira diferente de se aproximar dos novos colegas. A contação de história leva a criança a desenvolverem a imaginação, emoções e sentimentos pois e muito importante para as crianças saber ouvir uma história. De acordo com Abramovich (2009, p.14), “escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo”.

Ao término da história fomos para o pátio, onde fizemos a pintura coletiva da caixa de Jessica, com o intuito de utilizar a mesma no decorrer da semana para as demais atividades, foi um momento muito prazeroso pude notar grande melhoria nas questões de ajudar uns aos outros repartir as cores de tinta sem brigas.

Figura 14 - Contação de história



Fonte: Arquivo da estagiária

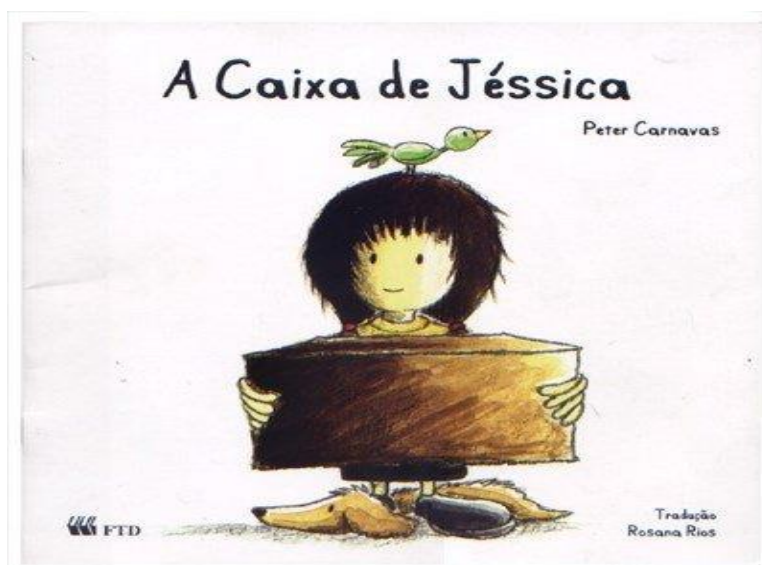
Figura 15 - Turma no pátio pintando



Fonte: Arquivo da estagiária

O convite para o chá da Jéssica, em que cada criança deveria fazer o convite sem importar para qual colega fosse, para que assim pudéssemos trocar uns com os outros e deu certo, pois eles fizeram cada um do seu jeito para presentear os colegas. Foi um momento de muita alegria onde todos receberam seus convites .

Figura 16 - Alunos fazendo os convites





Fonte: arquivo da estagiária

Fizemos a tão esperada massinha de modelar que também, me ocorreu de fazer devido ao grande interesse das crianças em trabalhar com massinha sempre pedindo para brincar com a mesma. A ansiedade estava presente nesse dia pois todos queriam saber como se fazia massinha então fizemos e foi um sucesso tanto que no outro dia teve vários relatos de que teriam tentado fazer em casa a receita junto com a mãe. As crianças brincaram muito com a massinha que eles mesmo fizeram. Durante essa atividade eles tiveram total autonomia para se desenvolver dentro de algo que foi pensado para eles nesta manhã.

Figura 17 - Alunos fazendo a massinha de modelar



Fonte: arquivo da estagiária

Figura 18 - Turma Brincando com a massinha feita por eles



Fonte: arquivo da estagiária

As crianças ficaram encantada com o chá e eu também por poder proporcionar uma proposta diferente para elas, a todo momento me perguntavam se a Jessica estaria presente no chá, até que um menino respondeu que a personagem era só de faz de conta, por tanto não poderia estar presente no nosso chá.Foi o momento de muita descontração e partilhar onde as crianças tiveram a oportunidade de ver como se faz chá, e até os mais resistentes quiseram provar o chá, neste dia procurei levar para as crianças os personagens da história e todos quiseram pegar e se emprestar.

Ao término do chá fizemos uma roda de conversa para que eles falassem sobre o chá o que gostaram, mas também para que eles se dessem conta do quanto são especiais do jeitinho que são, e que ele tem que que se gostar, porque assim todos vão gostar deles.

Fizemos algumas brincadeiras e cantamos foi uma manhã muito alegre e de grandes aprendizados sobre quem de fato somos e como podemos ser queridos por todos, do jeito que somos. AMOR,EMPATIA,HUMILDADE, são valores que vale apenas aprender.Como nos diz Paulo Freire(2004)alegria do processo e algo que não se mede,foi exatamente assim que me senti. “A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria(FREIRE, 2004, p. 142).

Figura 19- Dia do chá



Fonte: arquivo da estagiária

Resolvemos tentar algo novo para fazer com a massinha de modelar e qual a nossa surpresa ao perceber que dava para fazermos muitas coisas com massinha, uma descoberta rica de aprendizado por parte das crianças. “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. (FREIRE, 2003, p. 47). As crianças gostam muito de fazer e trabalhar com materiais com as quais eles mesmos fizeram para assim promover sua autonomia e prazer em poder executar as tarefas com autonomia livre.

Figura 20 - Atividade com massinha de modelar



Fonte: arquivo da estagiária

Conversei com as crianças sobre o que elas gostariam de fazer de diferente que ainda não tinha feito na escola, então lhes perguntei se já tinha participado de algum circuito de brincadeira, as crianças me perguntaram o que era um circuito de brincadeira então fui lhes dizendo o que havia em um circuito de brincadeiras, ao término da conversa eles demonstram interesse em participar de um circuito de brincadeira. Levei para eles então a brincadeira cama de gato e cambota e pude notar que algumas crianças nunca tinham virado uma cambalhota, nem mesmo em casa, e pude ver a alegria deles em conseguir fazer algo que eles achavam impossível. Foi muito gratificante para mim enquanto educadora, e mais uma vez pude desconstruir a imagem de que educar só é possível se for dentro de uma sala fechada, pois a educação acontece o tempo todo quando estamos com crianças tão capazes de tornar cada proposta possível. Depois do circuito lhes perguntei o que mais gostaram e se gostariam de brincar livremente em um dos espaços que já estava montado.

Figura 21- Crianças virando cambalhota





Fonte: arquivo da estagiária

Nesse dia também surgiu em razão de uma conversa com as crianças e mais uma vez para minha surpresa eles amaram e se entregaram as possibilidades de criar com tudo que estava a sua disponibilidade. No começo estavam tímidos, mas aos poucos foram se soltando. Teve apresentação de banda, contação de histórias, loja para as crianças brincarem, colocarem preços nas roupas e tiveram a oportunidade de criar sua própria moeda de troca para efetuar as comprar na sua loja. A brincadeira durou praticamente toda a manhã, pois quando lhes perguntava se queriam guardar eles não queriam então brincamos durante várias horas.

Figura 22 - Crianças brincando de loja



Fonte: arquivo da estagiária

Vygotsky (1998,pag,27), enfatiza a importância do brinquedo e da brincadeira de faz-de-conta para o desenvolvimento infantil. Por exemplo, quando a criança coloca várias cadeiras uma atrás da outra dizendo tratar-se de um trem, percebe-se que ela já é capaz de simbolizar, pois as cadeiras enfileiradas representam uma realidade ausente, ajudando a criança a separar objeto de significado.

Tal capacidade representa um passo importante para o desenvolvimento do pensamento, pois faz com que a criança se desvincule das situações concretas e imediatas, Vygotsky(1998,pag 30), observa que a criança apresenta em seu processo de desenvolvimento um nível que ele chamou de zona de desenvolvimento real e potencial.

Nesse dia levei para as crianças a proposta da música para que assim juntos pudessemos cantar e imaginar como seria a serpente da canção, levei para aguçar a imaginação um cesto e lhes perguntei se sabiam o que morava no cesto as respostas foram as mais variadas possível, quando finalmente começamos a cantar e a dona serpente resolveu aparecer e cantar junto com eles a sua música, foi tamanha a surpresa que a serpente saiu dançando entre eles enquanto as crianças cantavam e passavam a serpente. Nesse mesmo dia lhes perguntei se gostariam de construir um instrumento musical para acompanhar na hora que cantássemos a música, e assim cada criança construiu sua tapiola, cantamos não só a música da serpente, mas outras conforme eles foram pedindo, todas utilizando o som que a tapiola produzia. Foi uma manhã muito produtiva, pude sentir que as crianças gostaram bastante da atividade e com empolgação levaram suas tapiolas para casa. Um momento de descoberta, pois muitos nunca tinha feito bolhas de sabão em casa ou na escola, enchemos balões também tudo a pedido deles que tinha muita curiosidade de conseguir encher seu próprio balão.

Figura 23 - Alunos fazendo bolha de sabão



Fonte: arquivo da estagiária

Pois durante o estágio sempre me questionei em relação se estava fazendo certo e nesse último dia podendo fazer com eles uma atividade que eles estavam ansiosos para fazer foi um momento de muita alegria e satisfação para mim saber que eles estavam felizes em poder fazer parte de algo que parecia tão grande. Fizemos a receita do bolo de chocolate ou como diz eles: - “quando vamos fazer uma coisa de comer”? Então fizemos decoramos e comemos muito bolo com cobertura, como é bom ser criança e ver beleza nas coisa simples.

Na nossa forma de registro da atividade foi através do desenho coletivo em um papel pardo onde as crianças colocaram as quantidades correspondentes com desenhos cada uma da sua forma. De acordo com Ceppi e Zini (2013, p.18) “É possível projetar espaços de uma maneira diferente da proposta tradicional: espaços que são mais agradáveis e flexíveis, menos rígidos, mais acessíveis para infinitas experiências”. Dessa forma foi possível fazer um espaços de culinário o qual a turma não estava acostumada a fazer e ter acesso, tendo um experiência rica de aprendizados e autonomias pois os tempo todos estavam envolvidos na proposta.

Figura 24 - Fazer o registro cada um da sua maneira da receita foi muito importante para eles, a Maria queria provar a cobertura do bolo e tava com o rosto todo lambuzado.



Fonte: arquivo da estagiária

2- OS ESPAÇOS E A CONSTITUIÇÃO DA DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

No segundo capítulo, retomo as narrativas contadas no capítulo anterior, experiências vividas, trajetórias que assumiram caminhos inesperados, presentes na memória dos registros e análises teóricas realizadas diariamente, que serviram para pensar o planejamento, para as crianças da Turma Pré A. Apresento a discussão dos espaços físicos da sala e da escola, propostas organizadas a partir das escutas das crianças, espaços de garantia dos direitos das crianças, das suas infâncias, do convívio com as diferenças na educação Infantil. Para Larossa (1996), o tempo das nossas vidas é, então, o tempo narrado; é o tempo articulado em uma história; é a história de nós mesmos, como somos capazes de imaginá-lo, interpretá-lo, contá-lo e dizer (nós). (1996 p.468), portanto, o tempo constituidor de uma docência na Educação Infantil.

2.1.A DOCÊNCIA E OS ESPAÇO: PROPOSTAS POSSIBILITADORAS

Durante o estágio me propus a fazer um trabalho que contemplasse as necessidades da crianças dentro da realidade em que a escola estava inserida. Já na primeira semana de orientação nos foi apresentado para estudo anterior a observação a problemática dos espaços, para desenvolver o trabalho com a Turma de pré A., no entanto, durante a graduação foi apenas falado sobre a escuta e o olhar sensível para com as crianças, e eu tive apenas uma experiência de observar espaços como observadora de uma prática em uma escola, que já trabalha a algum tempo com os espaços, que aos poucos as crianças vão tomando conta e se apropriando do espaço pensado para elas.

Portanto tinha o desafio de pensar os espaços na educação infantil, e a compreensão que eu teria um papel importante, mas que não era apenas algo que eu como professora tinha que organizar e pensar, mas um trabalho em conjunto com as crianças, a partir da escuta das crianças, um espaço que pertencesse às crianças, já que elas diariamente terão a possibilidade de explorar, recriar, criar, espaços de produção, que aguçassem a imaginação das crianças.

Na área da educação alguns autores que são referência e que discutem a temática dos espaços na educação infantil conceituam de diferentes maneiras “Um ambiente é um espaço construído, que se define nas relações com os seres humanos por ser organizado simbolicamente pelas pessoas responsáveis pelo seu funcionamento e também pelos seus usuários”. (BARBOSA, 2006. p. 119). E no espaço ou ambiente que as relações se consolidam ampliando as vivências, um lugar de experiências variadas, pois as crianças têm a oportunidade de conviver e relacionarem-se com outras crianças, adultos, tornando o espaço então em ambiente. Horn (2004, p. 28), nos diz que: “É no espaço físico que a criança consegue estabelecer relações entre o mundo e as pessoas, transformando-o em um pano de fundo no qual se inserem emoções. Essa qualificação é o que o transforma em um ambiente”. Horn (2004) nos apresenta estudos de Wallon e Vygotsky acerca da importância da relação entre o meio, já que o “campo onde a criança aplica as condutas de que dispõe e retira os recursos para sua ação”. (2004, p.15).

Segundo Horn (2004), os estudos de Vygotsky tratam da maneira como o espaço se apresentam para a criança e influenciam muito na aprendizagem. A autora comenta , “Isto é, quanto mais esse espaço for desafiador e promover atividades conjuntas, quanto mais permitir que as crianças se descentrem da figura do adulto, mais fortemente se constituirá

como parte integrante da ação pedagógica”. (p. 20). Para Vygotsky a criança está em desenvolvimento na relação social criança/crianças e criança/adultos, que o adulto no caso é o sujeito com mais experiência e deve promover situações de interação entre a criança e o meio. Assim, o espaço se configura como cenário para o acontecimento de várias ações. (HORN, 2004).

Barbosa fala sobre a relação entre a organização do espaço em turmas de Educação Infantil e as concepções pedagógicas do educador. Para a autora,

A organização do ambiente traduz uma maneira de compreender a infância, de entender seu desenvolvimento e o papel da educação e do educador. As diferentes formas de organizar o ambiente para o desenvolvimento de atividades de cuidado e educação das crianças pequenas traduzem os objetivos, as concepções e as diretrizes que os adultos possuem com relação ao futuro das novas gerações e às suas ideias pedagógicas. (2006, p. 122).

As nossas concepções teóricas e práticas, que fazem parte do nosso processo serão determinantes para pensarmos o espaço como parte importante na ação pedagógica, e junto com as crianças organizar o espaço de maneira a proporcionar o desenvolvimento da autonomia intelectual e social das crianças. Barbosa e Horn (2001), falam sobre a importância de se pensar o espaço da sala como possibilitador da construção da autonomia das crianças.

Na medida em que planejamos um ambiente onde ela possa por si só dominar seu espaço, fornecendo instalações físicas para que com independência possa beber água, ir ao banheiro, pegar toalhas, materiais, ter acesso a prateleiras e estantes, estamos pensando num ambiente não somente como cenário, mas, certamente, como parte integrante da ação pedagógica. (p. 77) Ao dominar esse espaço com autonomia a criança conseqüentemente o perceberá como “lugar rico e estimulante de aprendizagem.

Tornando assim o espaço da escola atrativo para o desenvolvimento pleno da crianças, pois as aprendizagens não estão unicamente ligadas a sala, mas a todos os espaços da escola, que devem ser usados e propostos intencionalmente no planejamento das professoras. Durante meu estágio usei todos os espaços da escola para prover espaços, que possibilitassem a autonomia, prazer das crianças, reafirmo isto, pois no final de cada dia demonstravam através de seus relatos, as vivências no espaço proposto.

Kishimoto (2010) nos traz o brincar em todas as atividades, pois em todos os espaços tem algo do imaginário do cotidiano de cada criança, a autora afirma que:

O brincar é a atividade principal do dia a dia. É importante porque dá o poder à criança para tomar decisões, expressar sentimentos e valores, conhecer a si, os outros e o mundo, repetir ações prazerosas, partilhar brincadeiras com o outro, expressar sua individualidade e identidade, explorar o mundo dos objetos, das pessoas, da natureza e da cultura para compreendê-lo, usar o corpo, os sentidos, os movimentos, as várias linguagens para experimentar situações que lhe chamam a atenção, solucionar problemas e criar. Mas é no plano da imaginação que o brincar se destaca pela mobilização dos significados. Enfim, sua importância se relaciona com a cultura da infância que coloca a brincadeira como a ferramenta para a criança se expressar, aprender e se desenvolver. (p.1).

Pensando assim, o desafio foi planejar de maneira que englobasse todas as brincadeiras e hipóteses que surgiam de forma diversas nos espaços, cada criança podendo demonstrar sua identidade e se expressando de maneira natural, pois enquanto brincavam experimentam o mundo a sua volta de maneira única, usando do seu imaginário. Pensando a questão dos espaços que, melhor contribuísse com o imaginário das crianças todos os dias tínhamos uma roda de conversa com o objetivo de ouvir as crianças e suas opiniões sobre os espaços pensados para o dia. Pois nos espaços buscava estabelecer uma relação com o cotidiano das crianças, pois eram elas que iria usufruir do mesmo, então meu papel enquanto docente era de mediadora, de impulsionadora na organização dos espaços. Segundo (Forneiro apud Zabala, 1998. p. 261).

Para uma adequada organização do espaço da sala de aula e um projeto ideal do ambiente de aprendizagem, é fundamental que o professor(a) exerça um papel ativo em todo o processo que envolve a organização e que começa com a concretização das intenções educativas e do método ou métodos de trabalho que irá utilizar -(trabalho por cantos, oficinas, unidades didáticas, projetos de trabalho, etc.), já que isto irá incidir diretamente na tomada de decisões para o planejamento e a posterior organização do espaço.

Pensar a organização do espaço é algo que exige do professor um certo olhar sobre a criança que vai dar vida ao mesmo. Então temos que colocar um pouco das nossas concepções pedagógicas, ou seja pensar nas crianças e nas conversas que tivemos, para então pensar espaços que de fato contribua de alguma forma no aprendizado das crianças, onde cada uma terá um papel na brincadeira e usará o espaço da maneira que melhor lhe parece.

Barbosa (2006) aborda a relação entre a organização do espaço em turmas de Educação Infantil e as concepções pedagógicas do educador. Para a autora:

A organização do ambiente traduz uma maneira de compreender a infância, de entender seu desenvolvimento e o papel da educação e do educador. As diferentes formas de organizar o ambiente para o desenvolvimento de atividades de cuidado e educação das crianças pequenas traduzem os objetivos, as concepções e as diretrizes que os adultos possuem com relação ao futuro das novas gerações e às suas ideias pedagógicas, (p. 122).

Organizar o espaço da educação infantil perpassa em como o professor integra as ações pedagógica, junto com olhar das crianças, buscando organizar de forma a desenvolver integralmente a criança primando pela sua total autonomia intelectual e social. Barbosa e Horn (2001), nos dizem que é muito importante pensar o espaço da sala como um ambiente em construção, pois o mesmo irá proporcionar o desenvolvimento da autonomia infantil.

Na medida em que planejamos um ambiente onde ela possa por si só dominar seu espaço, fornecendo instalações físicas para que com independência possa beber água, ir ao banheiro, pegar toalhas, materiais, ter acesso a prateleiras e estantes, estamos pensando num ambiente não somente como cenário, mas, certamente, como parte integrante da ação pedagógica. (p. 77)

Vigotski (2007), em seu livro “A formação social da mente”, diz que o brinquedo não é somente uma atividade prazerosa, pois pode existir outras experiências que dão tanto prazer quanto brincar de forma mais prazerosa. Também existem alguns jogos que possibilitam o ganhar e o perder, esses jogos só darão “prazer à criança se ela considera o resultado interessante” (Vigotski, 2007, p. 107). O autor complementa “(...) é impossível ignorar que a criança satisfaz certas necessidades no brinquedo. Se não entendemos o caráter especial dessas necessidades, não podemos entender a singularidade do brinquedo como uma forma de atividade” (p. 108).

Ainda de acordo com Vigotski (2007):

(...) o brinquedo cria uma zona de desenvolvimento proximal na criança. No brinquedo, a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário; no brinquedo, é como se ela fosse maior do que na realidade. Como no foco de uma lente de aumento, o brinquedo contém todas as tendências do desenvolvimento sob forma condensada, sendo ele mesmo, uma grande fonte de desenvolvimento (p. 122).

Nessa perspectiva da zona do desenvolvimento proximal Horn (2004), diz que a brincadeira se torna muito importante no desenvolvimento, nas brincadeiras de faz-de-conta vividas por elas, pois é uma atividade onde a criança “aprende a atuar em uma esfera cognitiva que depende de motivações internas.” (p. 19). Pensar a organização do

espaço da sala permite o brincar e estará contribuindo para que o processo de aprendizagem, pela criança, aconteça de forma prazerosa.

O brinquedo satisfaz as necessidades básicas de aprendizagem das crianças, como por exemplo as de escolher, imitar, dominar, adquirir competências, enfim, de ser ativo em um ambiente seguro, o qual encoraje e consolide o desenvolvimento de normas e de valores sociais. Assim, deve haver também conexões entre desenvolvimento e aprendizagem, considerando a diversidade de linguagens simbólicas e, conseqüentemente, a relação entre o pensamento e a ação. (HORN, 2004, p. 71).

Sendo assim, é necessário que à criança viva sua infância convivendo com outras crianças, com adultos, vivendo experiências novas com materialidades, objetos variados que lhe propiciem, descobertas novas, expondo-se e tendo sentido esses momentos, a qual ela é a principal parte no processo. Tornar o espaço da educação rico em experiência para as crianças com espaços pensados por elas através da escuta, contribuindo para o aprendizado e para a autonomia, repensando constantemente a prática para melhor compreender a importância dos espaços nos processos vividos pelas crianças.

2.2 DESAFIOS DA DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Durante o estágio na educação infantil, pude me constituir professora e ver na prática como funciona a docência com crianças pequenas, as vivências e necessidades das crianças de conhecer e explorar o ambiente no qual estão inseridos. Desconstruindo meu olhar sobre como deve ser o espaço e o que será oferecido para as crianças, surgiu a necessidade de descobrir formas de tornar significativos os espaços para dali ir retirando e construindo junto com as crianças novas possibilidades, pois as crianças estão o tempo todo criando e recriando o espaço a sua volta. Durante a execução do meu planejamento pude perceber que as crianças sempre davam novos sentidos ao que eu havia planejando retomando e criando com materiais os espaços alternativos, tinham interesse em participar de tudo que eu propunha com grande entusiasmo.

Acredito que a docência na educação infantil deve ser levada sério, pois a infância é constituidora do ser humano, as crianças aprendem qual vai ser sua visão de mundo, se uma criança não tem boas experiências nos espaços onde estão inseridas, sua visão de mundo será prejudicada. Temos o compromisso e a responsabilidade de formar crianças críticas e participativas no futuro da sociedade. As crianças que participam de um espaço institucional qualificado, da construção de espaços, propostas, com autonomia,

protagonismo, na sua sala de aula, tornam-se seres humanos melhores, aprendem a viver no coletivo e em comunidade.

A vida dura de muitas crianças, faz com que convivam com situações de total desvalorização, nesse sentido penso que a escola de educação infantil deve ser um espaço pensado e preparado para melhor atender as crianças. Durante meu estágio o que me inquietou foi reafirmar que as crianças são desejosas de outras prática, de algo diferente na sala, mas não estavam acostumadas a participar do planejamento, de espaços coletivos e serem protagonistas das suas trajetórias, pois ainda vivemos reproduzindo modelos de educação engessados, onde o professor é que tem que ter todas as respostas.

Pensando na questão dos espaços e tempos das crianças surgiu a curiosidade de saber mais sobre e como levar esses espaços para as crianças as inserindo em um ambiente de descobertas e possibilidades, na qual elas pudessem participar de todo o processo. Foi uma experiência essencial no meu estágio, pois não tinha pensado no espaço de educação infantil, apesar de muito ter ouvido falar do protagonismo de cada criança, da sua importância; As crianças participam do seu processo formativo criando, sendo autônomas na sua aprendizagem, interagindo com outras crianças, com possibilidades e desafios .

O espaço na educação infantil não é somente um cenário, ele revela as concepções de infância, de criança, de educação, através das ações do docente na educação infantil, do pedagógico, por isso devemos pensar e escutar as crianças, para organizar e criar as propostas, os diferentes espaços junto com as crianças.

Ouvimos falar durante toda a formação da importância dos documentos mandatários que embasam a Educação Infantil, pois norteiam nossa prática em sala de aula, junto dos pequenos como futuras educadoras. Eles enfatizam a importância do professor registrar a sua prática educativa, para perceber a especificidades das crianças e avaliar a sua própria prática. Tornando a sua prática educativa significativa para as crianças, auxiliando-o em seu planejamento, pois os registros apontaram as necessidades da turma, possibilitando ao educador superá-las, em seu planejamento. Tornando todos os momentos da rotina das crianças, um espaço pedagógico, de troca de aprendizagens e conhecimentos. O pedagógico é o limpar, o lavar, o trocar, alimentar e dormir, o que se refere aos cuidados, todos os momentos que vivemos dentro da escola, têm que ter intencionalidade, para que as crianças possam compreender e possa fazer sentido. Por isso refletir e planejar todos os momentos em que estaremos com as crianças é indispensável para o seu desenvolvimento, para a criação da afetividade e a construção de vínculos.

Proporcionar propostas afetivas que criem vínculos com outras crianças a fim de se expressarem diante de suas vontades, aprendendo a resolverem os conflitos, se desenvolvendo gradativamente. Nós, como pedagogos, quando vamos trabalhar com este nível de ensino, primeiramente precisamos nos amparar nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação infantil (2009), onde encontramos algumas definições muito importantes, como o conceito de criança cuja definição é:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura; currículo.

Encontramos também neste documento a proposta pedagógica, sendo que este documento é elaborado em conjunto com os professores e direção, para que possam definir as metas para o desenvolvimento das crianças. As diretrizes ainda garantem que a criança na educação infantil deve aprender brincando, sendo que os eixos norteadores da mesma são as interações e as brincadeiras. É um momento que vai muito além do cuidado, é quando as crianças poderão ter as suas primeiras experiências, sendo que estas são muito importantes para o seu desenvolvimento, são fundamentais para a formação das mesmas como ser humano.

Barbosa (2016), nos fala em seu texto sobre a importância de se pensar uma docência que vai para além do cuidado com as crianças, e se encontra com o processo de pensar a escola e como nos futuros professores saímos da universidade, pois para sermos professor da educação infantil precisamos, ter uma abordagem teórica para ter um boa prática pautada, também no relacionar-se com a criança, interagir entre tantas outras qualidades que não são natas nos estudantes de pedagogia, e que se deve ser aprendido na graduação. Para se ter uma educação infantil de qualidade temos que pensar também a formação do professor.

Acredito que devemos sempre incentivar a criatividade das crianças, a sua imaginação e não somente dar material pronto para as mesmas, e que tudo deve partir do interesse das crianças, que o professor não deve se preocupar somente com o conteúdo, principalmente na educação infantil, sendo que devemos nos preocupar com o desenvolvimento integral da criança. Por isso o professor, o docente, como adulto experiente, ao planejar possa retomar seus planejamentos, as escutas realizada com as

crianças, possa disponibilizar propostas diferentes, diferentes espaços na sala de aula, para que as crianças possam ser o centro do processo.

Também é necessário buscar a essência das coisas e não ficar apenas na sua aparência, pois explicar é ir às causas e a descrição das coisas na sua aparência estaciona nos seus efeitos externos. Pode-se observar que processos aparentemente idênticos podem ter origens diferentes e processos aparentemente distintos podem ter a mesma origem. Vigotski (2001, pp. 194- 195) considera que:

Encontrar o limite que separa o pseudoconceito do verdadeiro conceito é sumamente difícil, quase inacessível à análise fenotípica puramente formal. A julgar pela aparência, o pseudoconceito tem tanta semelhança com o verdadeiro conceito quanto a baleia com um peixe. Mas se recorrermos à „origem das espécies“ das formas intelectuais e animais, o pseudoconceito deve ser tão indiscutivelmente relacionado ao pensamento por complexos quanto a baleia aos mamíferos.

Com isso, a proposta de ReggioEmilia, que é referência mundial, é disponibilizar vários materiais simples do cotidiano das crianças, para que possam usar a imaginação, para criarem. Nesta também se trabalha com a exploração dos espaços, onde acredita-se que a criança tem a necessidade de explorar diferentes espaços, por isso o professor não deve ter apenas um espaço em sua sala de aula e sim vários espaços, com a finalidade da criança poder explorar os mesmos e assim ela pode se identificar com um ou mais de um desses espaços.

Sabe-se que o trabalho desenvolvido em ReggioEmilia em escolas de Educação Infantil, não são modelos educacionais prontos para todo o mundo e nem um método educacional, mas se constituem em uma abordagem para uma infância diferenciada, sendo que ela valoriza a criança de forma integral, todas as suas capacidades e habilidades possíveis. LorisMalaguzzi, o fundador de ReggioEmilia, foi quem constituiu um princípio de ensino em que não existem as disciplinas formais e que todas as atividades pedagógicas se desenvolvem por meio de projetos. Sendo que estes projetos não são antecipadamente planejados pelos professores, mas sim irão surgindo pelas ideias das próprias crianças e são desenvolvidos por meio de diferentes linguagens.

O ensinamento que sustenta esse princípio de ReggioEmilia é a pedagogia da escuta, pois o professor precisa escutar o que o aluno está dizendo, para assim visualizar quais são os seus interesses. A prática do estágio foi muito importante na minha formação

serviu para confirmar o que eu já queria, pois a cada momento junto das crianças busquei aprender e repensar a educação, o que ser um bom educador.

Com certeza não saiu a mesma que entrei pois tive de desacomodar muitas idéias em mim para conseguir fazer um bom trabalho, pensar práticas que eu nunca havia vivido e pensado, mesmo que muitas das vezes com uma certa insegurança mesmo agora ao escrever ainda me sinto assim ,cada momento foi de muito aprendizado e dedicação, foram momentos nos quais eu pude ver se unindo teoria e prática, pois cada desafio me fez pensar a educação de maneira diferente do que eu já tinha pensado ser educação .

A prática do estágio me fez ver as fragilidades das escolas de educação infantil em relação a tudo, espaço físico, mobiliário, das próprias crianças que nos vêm com tanto amor e carinho, prontas para nos receber de forma tão generosa e sem saber que também nos ensinam algo, que acredito eu nem todos os teóricos do mundo serão capaz de descrever com suas teorias. Sendo assim me pergunto porque se torna tão difícil respeitar as crianças, já que nos ensinam tanto. Tiro dessa experiência o melhor, pois foram muitos os aprendizados e o questionamento se ensinei ou aprendi. Certamente aprendi que o ensino da educação infantil não é o mesmo ensino dos anos iniciais, é uma outra concepção de ensino, que para Russo (2008-1009) é traduzida em como ser professor da escola da infância sem dar aula.

CONCLUSÃO

Concluo que pensar espaços para a educação infantil foi para além de um simples planejamento, exigindo de mim uma docência responsável, pensada com e para as crianças, atenta ao modo como as crianças exploravam o espaços propostos. Neste sentido, sempre busquei escutar de forma respeitosa as idéias e propostas trazida por elas para as aulas. Tendo como objetivo uma docência, intencional que organiza os espaços, que busca superar uma rotina engessada e principalmente que busca compreender os desafios da docência a partir dos espaços propostos através da escuta das crianças, dos registros e análises diárias. Proporcionando às crianças um ambiente agradável e divertido, possibilitando que os mesmos pudessem desenvolver-se e aprendendo coisas diferentes do meio em que estão inseridos. O que me marcou foi observar que passada a primeira semana as crianças começaram a ter ideias do que poderíamos fazer na escola, nos espaços como o pátio, e, durante a roda de conversa sempre manifestavam suas vontades e se era possível ser feito.

Acredito depois da experiência que tive no estágio ser possível fazer uma pedagogia voltada para a educação infantil e anos iniciais, pois as crianças estão sedentas por algo novo e de qualidade basta pararmos um pouco e sermos mais humildes para ouvir o que elas desejam saber e nos divertirmos, pois o novo também é assustador, eu sei passei pelo medo para compreender que a docência na educação infantil e para além de tudo, passa pelo respeito de saber que eu sempre tenho o que aprender com as crianças tenha ela a idade que tiver, afinal de contas idade e só um número. Assumi um compromisso com a escola em promover e ampliar o desenvolvimento das crianças neste período que lá estive de estágio, despertando tamanha expectativa em relação de como ocorreu o estágio, em como organizei as manhãs em que estávamos juntos, tornando as crianças o centro do meu planejamento atendendo suas necessidades.

Tive as melhores experiências, as crianças são extremamente amorosas, e houve o tempo todo muita troca de conhecimento entre as professoras que ali estavam, a todo o tempo me tranquilizando e oferecendo ajuda. Temos sempre que ter um olhar sensível em relação às crianças, pois nosso planejamento precisa ser pensado com as crianças e para as crianças, contemplar as crianças e suas especificidades, para assim conseguirmos fazer um bom trabalho e contribuir de fato para o desenvolvimento pleno de cada criança.

Concluo que me constituí uma docente comprometida, que ousou, pois não tenho como ser diferente frente ao que vivi, que se apresentaram nas minhas narrativas, vivências, os desafios da docência durante o estágio, com crianças em espaços dentro e fora da sala, as interações entre as crianças, entre as crianças os adultos e as materialidades, a vida que as crianças davam nos espaços, o protagonismo na ocupação, a construção e reconstrução desses espaços. As crianças clamam por uma outra docência, uma outra instituição de educação infantil, por espaços coletivos abertos a criação, a invenção, a leveza da infância, pensados para as crianças, pelas crianças, onde suas vozes são ouvidas, escutadas e contempladas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997

AMARAL, Suely Mello e AUXILIADORA, Maria Farias: **A Escola Como Lugar da Cultura Mais Elaborada**. (Educação, Santa Maria, v.35, n.1.p.53-68, jan./abr.2010).

BAKHTIN. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec,1988

BENJAMIN, W. (1984). **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. São Summus.

BARBOSA, M. C. S. **Por amor e por força: rotinas na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Ministério da educação, 2009. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/index.php?>>. Acesso em: 11 de ago. de 2018

_____. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº. 9394/1996**. Brasília: Senado Federal, 1996. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1e_d.pdf>. Acesso em: 11 de ago. de 2018.

CARMEN, Maria Silveira Barbosa. Faculdade de Educação-UFRGS: **Os Resultados Da Avaliação De Propostas Curriculares Para A Educação Infantil Dos Municípios Brasileiros**. (Anais Do Seminário Nacional: Currículo Em Movimento- Perspectivas Atuais, Belo Horizonte, novembro de 2010.).

FREIRE, P.; SHOR, I. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

HORN, M. G. S. Sabores, cores, sons, aromas: **a organização dos espaços na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LARROSA, Jorge. **La Experiência de laLectura: estudios sobre literatura e formación**. Barcelona: Laertes S.A., 1996.

LIBÂNEO, J. **Pedagogia e pedagogos para quê?** São Paulo: Cortez, 1999.

OSTETTO, L. E. **Educação Infantil Saberes e Fazeres Na Formação de Professores**. 5º edição, Campinas, SP: Papirus, 2012.

PIAGET, J. **A formação do símbolo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

VASCONCELLOS, C. S. **Coordenação do Trabalho Pedagógico**: do projeto político pedagógico ao cotidiano de sala de aula. São Paulo: Libertad, 2002.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.